

LUIGI
PIRANDELLO
—
MÁSCARAS
NUAS
UMA SELEÇÃO

MÁSCARAS
NUAS
UMA SELEÇÃO

DE

LUIGI
PIRANDELLO

ORGANIZAÇÃO DE

JORGE SILVA MELO

★

MARIANA MAURÍCIO

NO ANO DE

MMXXI

PARA A COLEÇÃO

Itálica

IMPrensa NACIONAL
é a marca editorial da INCM
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida, 1000-042 Lisboa
www.impresnanacional.pt · www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021, IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Coleção ITÁLICA
Direção literária ANTÓNIO MEGA FERREIRA
Título MÁSCARAS NUAS. UMA SELEÇÃO
Autor LUIGI PIRANDELLO
Organização JORGE SILVA MELO
e MARIANA MAURÍCIO
Revisão IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA
Direção de arte RÚBEN DIAS *e* FÁBIO MARTINS
Design e paginação ITEMZERO
Impressão e acabamentos IMPrensa
NACIONAL-CASA DA MOEDA

Primeira edição JUNHO 2021
Depósito legal 465928/20 · *ISBN* 978-972-27-2822-5
Número de edição 1023857

15	Máscaras Nuas, <i>uma seleção</i>
17	Biografia
23	O Torno
47	<i>Limões da Sicília</i>
71	<i>Cecè</i>
99	<i>Liolà</i>
155	<i>Tu Vê Lá, Giacomino!</i>
215	<i>Para Cada Um Sua Verdade</i>
283	<i>O Barrete de Guizos</i>
333	<i>O Prazer da Honestidade</i>
393	<i>O Jogo dos Papéis</i>

- 459 *O Homem, a Besta
e a Virtude*
- 535 *A Senhora Morli,
Uma e Outra*
- 621 *O Preço da Verdade*
- 689 *Seis Personagens
à Procura de Autor*
- 759 *À Saída*
- 777 *Henrique IV*
- 851 *Vestir os Nus*
- 921 *O Homem da Flor
na Boca*
- 937 *A Vida Que Te Dei*

983 *Cada Qual Como*
Cada Qual

1063 *Como Tu Me Queiras*

1143 *Esta Noite Improvisa-se*

1233 *Sonho (Mas Talvez Não)*

1259 *Encontrar-se*

1341 *Não Se Sabe Como*

1409 *Os Gigantes*
da Montanha

O TORNO

EPÍLOGO EM UM ATO

Escrita em 1892, *La morsa* é a primeira peça conhecida de Pirandello. Foi publicada em 1989 na revista *Ariel* (fundada por Pirandello e amigos) com o título original de *L'epilogo* («*scene drammatiche*»). Ao contrário do que se tornou recorrente na obra de Pirandello, *La morsa* não retoma o tema de uma novela anterior, tendo sido a fonte da novela *La paura*, escrita em 1897. *La morsa* não foi só a primeira peça conhecida de Pirandello, como foi também a primeira a ser levada à cena, num espetáculo que integrou ainda *Lumie di Sicilia*, realizado em 9 de dezembro de 1910 no Teatro Metastasio de Roma e produzido pela companhia de Teatro Minimo, dirigida por Nino Martoglio. *La morsa* foi incluída no volume xx de *Maschere Nude* (Milão, Bemporad, 1926) ao lado de *All'uscita*, *Il dovere del medico* e *L'uomo dal fiore in bocca*.

A tradução de Virgínia Ramos integrou o volume *Teatro Contemporâneo I — Antologia de peças em 1 ato: Pirandello, Sartre, Anouilh, Arrabal, Brecht, Ionesco* (Presença, Lisboa, 1965) e foi levada à cena em 27 de janeiro de 1968, num espetáculo da Casa da Comédia intitulado *À procura da verdade: homenagem a Pirandello*, com Graça Lobo como protagonista e direção de Norberto Barroca. A versão que aqui se publica foi revista para o presente volume.

PERSONAGENS

ANDREA FABBRI

GIULIA

O advogado ANTONIO SERRA

ANNA, *a criada*

A ação decorre na província, na atualidade. Uma sala da casa dos Fabbri. Porta de entrada ao fundo. Porta lateral à esquerda. Duas janelas laterais à direita.

Pouco depois de subir o pano, GIULIA, que está a olhar através da janela do fundo, de costas para o público, tem subitamente um gesto de surpresa e recua; pousa na mesa da sala o trabalho de renda que tinha na mão e vai fechar a porta da esquerda, rapidamente, mas com cuidado; depois, coloca-se junto à porta de entrada.

Entra ANTONIO SERRA.

GIULIA (*lançando-lhe os braços à volta do pescoço. Com muita meiguice e feliz*): Já por cá?

ANTONIO (*desembaraçando-se, perturbado*): Não, Giulia, peço-te...

GIULIA: Não estás sozinho? Onde deixaste o Andrea?

ANTONIO (*preocupado*): Regressei antes dele: esta noite.

GIULIA: Porquê?

ANTONIO (*irritado pela pergunta dela*): Com um pretexto... verdadeiro aliás. Tinha de estar aqui de manhã, por causa de negócios.

GIULIA: Mas não me tinhas dito nada. Ao menos podias avisar.

(ANTONIO *olha-a, mas não responde.*)

GIULIA: Que sucedeu?

ANTONIO (*em voz baixa, mas expressiva, quase com raiva*): O quê? Tenho a impressão de que o Andrea suspeita de nós.

GIULIA (*perturbada e espantada*): O Andrea? Mas como sabe? Descaíste-te?

ANTONIO: Não: os dois, se alguém!

GIULIA: Aqui?

ANTONIO: Sim. Quando descia a escada, lembras-te? O Andrea descia à minha frente, lembras-te? Com a mala na mão. Tu estavas à porta a alumiar-nos e quando passei por ti... Oh! Meu Deus, como se pode ser tão estúpido!

GIULIA: Ele viu-nos?

ANTONIO: Tenho a impressão que se voltou quando ia a descer.

GIULIA: Oh! Meu Deus. E vieste para me dizer isso... assim?

ANTONIO: Tu não deste por nada?

GIULIA: Eu não, de nada! Mas onde é que está o Andrea, não me dizes?

ANTONIO: Ouve. Lembras-te se eu já ia a descer quando ele te chamou?

GIULIA: E me disse adeus! Foi quando se voltou para trás, já na entrada?

ANTONIO: Não, antes, antes...

GIULIA: Mas se ele nos tivesse visto...

ANTONIO: Entrevisto... quando muito. De relance!

GIULIA: E deixou-te vir primeiro? Será possível? Tu tens a certeza de que ele não veio também no mesmo comboio?

ANTONIO: Absoluta. E até às onze horas não há mais comboios vindos da cidade. (*Vê as horas.*) Não deve tardar. E aqui estamos à espera nesta incerteza... os dois à beira do abismo... compreendes?

GIULIA: Cala-te, cala-te, por favor! Calma. Conta-me tudo. O que é que ele fez? Quero saber tudo.

ANTONIO: Que queres que te diga? Quando se está no estado em que eu estou, as palavras mais inocentes parecem-nos alusões: cada olhar, um sinal, a menor mudança de tom...

GIULIA: Calma... calma.

ANTONIO: Pois sim, calma, calma! Isso é fácil de dizer. (*Pausa breve. Recompõe-se um pouco; depois:*) Aqui, lembras-te? Antes de partirmos discutíamos esse infeliz assunto que teríamos de tratar na cidade. Ele exaltava-se...

GIULIA: Sim, e depois?

ANTONIO: Assim que chegámos à estrada, nunca mais disse uma palavra, caminhava de cabeça baixa. Eu olhava-o, estava perturbado, sobranceiras carregadas: «percebeu!», dizia para comigo. E todo eu tremia. Depois, de repente, num tom simples e natural, diz-me ele assim: «É triste, não achas? Viajar de noite... deixar a nossa casa de noite...».

GIULIA: Assim?

ANTONIO: Sim. E que lhe parecia triste também para os que ficam. A seguir diz-me esta outra frase — até sinto um

calafrio na espinha! — «despedir-se à luz duma vela, no cimo duma escada...»

GIULIA: Ah disse isso... Em que tom é que o disse?

ANTONIO: No mesmo tom. Sempre muito natural. Até parecia que o fazia de propósito! Falou-me das crianças que tinha deixado nas caminhas, já adormecidas; mas não com aquela ternura que apazigua — e de ti.

GIULIA: De mim?

ANTONIO: Sim, mas olhando-me fixamente.

GIULIA: E que dizia?

ANTONIO: Que tu adoras os teus filhos.

GIULIA: Não disse mais nada?

ANTONIO: No comboio tornou a falar-me do processo de que íamos tratar. Perguntou-me se eu conhecia o advogado Garri. Queria sobretudo saber se ele era casado — ria —: nisto, por exemplo, não vejo nenhuma relação... Ou era eu que...

GIULIA (*súbita*): Cala-te.

ANNA (*aparece à porta do fundo*): Perdão, minha senhora, é preciso ir buscar os meninos?

GIULIA: É sim... mas espera um pouco.

ANNA: O senhor vem hoje? Os carros já foram para a estação.

ANTONIO (*vendo as horas*): Sim, são quase onze horas.

GIULIA: Ah sim? Já? (*Para ANNA:*) Espera um pouco mais. Depois te direi quando deves ir.

ANNA (*saindo*): Está bem, minha senhora. Vou pondo a mesa. (*ANNA sai.*)

ANTONIO: Ele não tarda aí.

GIULIA: E tu não me sabes dizer nada de concreto... Não sabes se ele desconfia ou não.

ANTONIO: Como se fosse fácil! Sabe fingir bem, se realmente suspeita.

GIULIA: Ele? Ele, que é tão violento?

ANTONIO: Ainda assim! Será que a minha desconfiança me tornou insensato a esse ponto? Repara, várias vezes tive a impressão de entender alguma coisa através das suas palavras. Logo depois acalmava dizendo para comigo: «É o medo!». Estudei-o, espiei-o todo o tempo, a maneira como

me falava, como olhava para mim. Tu sabes que o Andrea não costuma falar muito... mas estes três dias, havias de o ouvir! Foram também muitas as vezes em que se fechou num silêncio inquietante... que só quebrava para falar do processo. «Seria nisto que estava a pensar?», perguntava a mim mesmo, «ou noutra coisa? Talvez me esteja a falar do processo para dissimular as suas suspeitas». A certa altura até me pareceu que não queria apertar-me a mão... e nota que viu bem que eu lhe estendia a minha! Fingia andar distraído; no dia seguinte à nossa partida estava realmente estranho. Depois de dar uns passos chamou-me: «Está arrependido», pensei. E com efeito disse-me: «Oh, desculpa, esquecia-me de te dar os bons dias. Tanto dá!». Noutras alturas, falou de ti, da casa, mas sem qualquer intenção aparente, assim... Mas parecia que evitava olhar-me de frente. Várias vezes, repetia frases três e quatro vezes, sem qualquer sentido, como se pensasse noutra coisa... E enquanto falava de outros assuntos, achava maneira de, de repente, voltar a falar-me ti, das crianças, e de me fazer umas perguntas — intencionais? — vá-se lá saber! — procuraria surpreender-me? — ria-se, mas nos seus olhos havia uma alegria cheia de maldade...

GIULIA: E tu?

ANTONIO: Oh! Eu sempre em guarda.

GIULIA: Ele deve ter sentido a tua desconfiança.

ANTONIO: Porque já tinha suspeitas.

GIULIA: E tu confirmaste-as. E não se passou mais nada?

ANTONIO: Passou... Na primeira noite no hotel — quis que ficássemos os dois num quarto com duas camas — já estávamos deitados há bastante tempo e a certa altura apercebeu-se de que eu não dormia. Ou melhor, não se apercebeu porque estávamos às escuras; supôs que eu não dormia. Nota que eu não me mexia, ali às escuras, de noite, no mesmo quarto que ele e apavorado com medo de que soubesse tudo a nosso respeito... imagina tu! Tinha os olhos arregalados, à espera... para me defender se fosse preciso... quando, de repente, ouço no silêncio estas palavras: «Tu não dormes».

GIULIA: E tu?

ANTONIO: Eu nada. Não respondi. Fingi dormir. Pouco depois, ele repete: «Não dormes...» Então perguntei-lhe: «Disseste alguma coisa?» E ele: «Sim, queria saber se estavas a dormir.» Mas não era uma pergunta que fazia quando dizia «Tu não dormes». Pronunciava a frase com a certeza absoluta de que eu não dormia, que não podia dormir. Compreendes?

GIULIA: E é tudo?

ANTONIO: Tudo. Não consegui pregar olho durante duas noites.

GIULIA: De resto, contigo, sempre o mesmo?

ANTONIO: Sim. O mesmo.

GIULIA: Não. Toda essa dissimulação... ele! Se realmente nos tivesse surpreendido.

ANTONIO: Contudo ele voltou-se ao descer a escada.

GIULIA: Mas não reparou em nada. Não achas possível?

ANTONIO: Na dúvida...

GIULIA: Mesmo na dúvida... Dominar-se ao ponto de não deixar transparecer nada?! Que sabes tu? Nada. Mesmo admitindo que nos tenha visto no momento em que te inclinaste para mim... se tivesse tido a menor suspeita de que tu me tinhas beijado, teria tornado a subir... oh sim!... pensa, em que estado teríamos ficado! Não, não pode ser, garanto-te. Tiveste medo e nada mais. O Andrea não tem o mais pequeno motivo para desconfiar de nós. Sempre me trataste na frente dele com a maior familiaridade.

ANTONIO: Está bem, mas as suspeitas podem nascer de um momento para o outro. Percebes? Mil pormenores insignificantes, em que nem se repara, ganham de repente outra dimensão, cada aceno vago se transforma numa prova, e a dúvida numa certeza: é este o meu receio.

GIULIA: Temos de ser prudentes!

ANTONIO: Agora?! Fartei-me de o dizer!

GIULIA: E atiras-me isso à cara?

ANTONIO: Não. Mas não te avisei centenas de vezes? Tem cuidado... E tu...

GIULIA: Pois sim, pois sim...

Este livro apresenta-lhe uma seleção de 25 peças que Luigi Pirandello (1867-1936) compilou sob o título *Maschere Nude*. Algumas destas traduções já foram testadas em palco, seis são inéditas e uma delas foi encontrada nos arquivos da Torre do Tombo e é da autoria de Maria Matos. A organização do volume é de Jorge Silva Melo e Mariana Maurício.

Conhecido por ser o grande inovador do drama moderno, Pirandello desenvolveu uma obra monumental e intimidante que espalhou o «pânico» nos palcos de teatro. Em 1934 recebeu o Prémio Nobel da Literatura.